

Mídia, Esporte e Idolatria: o *Jornal do Brasil* e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos¹

Fausto AMARO²

Ronaldo HELAL³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Sintetizamos nesse artigo os principais achados e questões teóricas apresentados na dissertação de Mestrado de Fausto Amaro, orientada por Ronaldo Helal e defendida em fevereiro de 2014 no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/Uerj). De maneira ampla, abordamos a representação do herói olímpico no *Jornal do Brasil* na segunda metade do século XX. Nossa hipótese, seguindo a conclusão de Helal, Cabo e Marques (2009), era que, diferentemente das Copas do Mundo, nas Olimpíadas, os jornalistas esportivos se valeriam de um arcabouço textual distinto para descrever seus objetos de análise (os esportes e os atletas) e para construir histórias de vida. Verificamos a validade dessa afirmação tendo como corpus de investigação as edições do Caderno de Esportes do referido jornal ao longo das treze Olimpíadas da segunda metade do século XX – de Helsinque-1952 à Sydney-2000.

Palavras-chave: Esportes; Identidade; Representação; Herói; Mídia.

Nota Introdutória

A presente pesquisa teve como foco a análise da construção midiática da imagem dos atletas-heróis brasileiros na segunda metade do século XX nas páginas do Caderno de Esportes do *Jornal do Brasil* (JB). Tivemos como ponto de partida a premissa de que existe uma clara diferenciação na forma como a mídia brasileira representa os ídolos do futebol e aqueles dos demais esportes olímpicos, ressaltando aspectos qualitativos distintos em suas descrições. A hipótese assumida por Helal (*et al*, 2009) é a de que os recursos acionados

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Uerj (Brasil). Mestre pela mesma instituição, com bolsa Capes. Pesquisador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). E-mail: faustoarp@hotmail.com

³ Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj). Email: rhelal@globo.com. Endereço Eletrônico: www.comunicacaoesporte.com

pela imprensa para a construção dos heróis futebolísticos são distintos daqueles utilizados para os heróis de outros esportes. Enquanto no futebol seriam ressaltadas características ligadas à genialidade e ao talento nato, sem a valorização do esforço e do treinamento, ou seja, essencializações típicas do herói-malandro nacional; nos outros esportes olímpicos, haveria uma preferência pelas narrativas que enfocam o empenho, a disciplina, a garra e a dedicação desses atletas, isto é, características ligadas ao herói clássico (CAMPBELL, 1995). Esses diferentes simbolismos associados à identidade nacional revelariam como o brasileiro enxerga a si próprio e quais emblemas de brasilidade a imprensa procura exaltar durante esse evento esportivo.

Acompanhar o discurso jornalístico sobre as Olimpíadas também nos permitiu, seguindo o programa sociológico de Bourdieu (2004), observar as mudanças nas práticas do esporte. Referimo-nos aqui, mais especificamente, às evoluções dos desempenhos atléticos, às hegemonias nacionais e ao ideal de corpo perfeito no esporte.

Alguns pontos da dissertação serão mais privilegiados que outros. Sendo assim, em um primeiro momento, retomamos alguns pontos essenciais que foram trabalhados nos cinco primeiros capítulos da dissertação. Em seguida, apresentamos sucintamente algumas questões relevantes referentes à metodologia adotada. Em um terceiro tópico, expomos as conclusões pontuais obtidas na análise de cada edição dos Jogos. Por último, nas considerações finais, deixamos evidentes os achados gerais de pesquisa.

1. Estrutura da pesquisa/dissertação

Iniciamos a dissertação abordando os estudos na área de Comunicação que enfocam o esporte como temática principal. Essa breve visita aos cânones da área no Brasil sustentou nossa crítica a pouca atenção dada aos Jogos Olímpicos. Acreditamos que há um número pequeno de estudos relacionados a esse evento esportivo e aos esportes que compõe sua programação. Estaríamos mais próximos de um diálogo entre Comunicação e Futebol do que propriamente entre Comunicação e Esporte, apesar de todo histórico dos Estudos Olímpicos no Brasil em outras áreas de conhecimento. Desse modo, falar em pouca produção sobre esportes (à exceção do futebol) ainda é uma crítica pertinente.

Em seguida, trabalhamos a questão da identidade nacional, tratando tanto dos debates em torno do conceito em si quanto das reflexões propostas por dois dos mais influentes “intérpretes do Brasil”: Gilberto Freyre (2003) e Sérgio Buarque de Holanda (1995). A identidade nacional é motivo de fortes controvérsias desde o século XIX, não

havendo consenso sobre se ela existe de fato ou se é apenas uma invenção teórica. A despeito disso, muitos intelectuais refletiram sobre o que seria o caráter nacional brasileiro. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda se debruçaram sobre os traços marcantes do *ethos* nacional, no que destacamos a “crença no sobrenatural”, o “personalismo” e o “maternalismo”, identificados por Freyre, e o “culto da personalidade”, a “falta de hierarquia”, a “desordem”, a “ânsia de prosperidade sem custo, de posição e riqueza fáceis”, a “cordialidade” e o “individualismo”, pontuados por Holanda. Em maior ou menor grau, em oposição ou concordância, todos esses pontos foram encontrados nas narrativas do *Jornal do Brasil*. Por último, nesse mesmo capítulo, introduzimos a reflexão mais contemporânea de Roberto DaMatta (1997) sobre o dilema brasileiro e os temas não-sérios que nos ajudam a entender o Brasil. DaMatta considera central a dicotomia indivíduo e pessoa para a compreensão da formação brasileira, a qual também nos ajudou a pensar a questão do herói enquanto um habitante desse limiar.

O debate sobre o conceito de herói, aliás, ocupou todo o capítulo três. O herói enquanto figura paradigmática está presente em várias esferas sociais: no mundo das artes e dos esportes, principalmente. O esporte produziria mais heróis devido a seu caráter agonístico. O herói brasileiro seria formado por algumas características peculiares, dentre elas destacamos o sucesso e a vitória obtidos sem esforço, graças ao talento nato. Aqui vemos reproduzida a “ânsia de prosperidade sem custo” identificada por Holanda no *ethos* nacional. Este tipo de narrativa seria percebido principalmente no futebol. O arquétipo clássico (ou universal), entretanto, postula que o herói seria aquele que triunfa após se esforçar arduamente. As provações, por sua vez, parecem fazer parte tanto da trajetória do herói brasileiro quanto do herói clássico. Em relação ao herói olímpico brasileiro, partimos da hipótese de Helal (*et al*, 2009), segundo a qual seriam percebidas nesse tipo heroico características mais próximas ao herói clássico. De fato, a pesquisa mostrou que o treinamento, o esforço e o trabalho duro são elementos peremptórios para a glória olímpica e, por isso, o discurso jornalístico os valoriza sobremaneira, o que não eliminou, porém, a presença de algumas narrativas sobre o talento nato.

A origem e a história dos Jogos Olímpicos eram etapas básicas a ser compreendidas antes de iniciar a análise do *JB*. Dos Jogos Antigos até as Olimpíadas da Era Moderna existe um grande intervalo. Enxergar uma continuidade entre os dois eventos é uma tarefa hercúlea, mas que foi buscada por Pierre de Coubertin. Seu sonho de reviver o exemplo grego, no entanto, ficou muito mais no mundo das ideias. Os Jogos Modernos são uma

competição diferente dos Jogos Antigos, ainda que remetam constantemente a eles, seja por meio dos rituais olímpicos ou dos discursos oficiais. No material empírico analisado, percebemos como as intenções de Coubertin foram captadas com diferentes julgamentos de valor pelo discurso jornalístico. Outros temas marcaram as Olimpíadas Modernas, dentre eles destacamos os ideais olímpicos do *fair-play* e do amadorismo. Ambos também foram pautas frequentes no jornalismo esportivo.

O capítulo cinco, que foi dedicado à metodologia de pesquisa, dividiu-se em três partes centrais: a explicação sobre o *corpus* (sobre a qual falaremos a seguir), o nosso entendimento sobre o conceito de representação e uma breve história do *Jornal do Brasil*⁴. A representação, pelo viés da história cultural, muito colaborou para que compreendêssemos e efetuássemos melhor nossa análise sobre os atletas-heróis. Investigar as dinâmicas do *JB* na segunda metade do século XX se revelou, assim, uma chave de acesso ao jornalismo esportivo (pautas, formatos de cobertura, dimensão das equipes), ainda que nosso foco estivesse restrito aos Jogos Olímpicos.

2. Metodologia

Como definimos as edições específicas que focaríamos e como justificamos essa escolha? Ora, trabalhamos com a representação jornalística dos atletas no *Jornal do Brasil*. Em teoria, qualquer atleta pode, por caminhos distintos, atingir o *status* heroico. Conquistar medalha, porém, se apresenta como o caminho mais óbvio. Outros existem, com certeza, e foram descritos ao longo da pesquisa. Desse modo, optamos por não nos limitarmos apenas às edições dos Jogos em que o Brasil foi mais bem sucedido (maior número de medalhas), ainda que esta fosse a ideia até o momento limiar da Qualificação. Nele, fomos demovidos da ideia de restringir (o que havia feito até então) e voltamos a ampliar o objeto. A partir daquele momento, o *corpus* passou a compreender todos os Jogos Olímpicos realizados na segunda metade do século XX. De cinco olimpíadas passamos a treze⁵. A quantidade de

⁴ Fundado em 1891 por Rodolfo Epifânio de Souza Dantas (1855-1901), o *JB* foi um dos jornais de mais longa duração na história da imprensa brasileira e se manteve uma voz importante durante toda sua existência como veículo impresso. Desde a década de 1960, contudo, a vendagem do *JB* experimentou um processo de gradativo declínio que, somado às dívidas trabalhistas acumuladas, culminou com a extinção do jornal em seu formato impresso em setembro de 2010. A partir de então, o jornal decidiu manter-se apenas em seu formato on-line, enfatizando, porém, o pioneirismo dessa ação através do *slogan*: “O primeiro jornal 100% digital do Brasil”.

⁵ Sublinhamos que a análise do material jornalístico se concentrou no intervalo que vai do terceiro dia anterior ao início do evento até o terceiro dia posterior ao seu final, segundo as datas oficiais expostas nos sites do COI e do COB.

trabalho aumentou proporcionalmente, mas acreditamos que o resultado tenha sido recompensador.

Restava ainda justificar a escolha pela segunda metade do século XX, e não a primeira ou quiçá o século XXI. Na primeira metade do século XX, o Brasil participou apenas de cinco das dez Olimpíadas ocorridas e, além disso, conquistou apenas quatro medalhas. Ainda que não estivesse levando o critério de medalhas como um imperativo para escolha, ele continuava sendo um ponto relevante. Igualmente, as delegações olímpicas brasileiras eram relativamente pequenas até Londres (1948) e foram, ainda que não progressivamente, aumentando a partir de Helsinque (1952). O século XXI foi excluído por compreender apenas três Jogos, sendo que em um deles (Londres-2012) o jornal escolhido como fonte já não mais existia em seu formato impresso. A segunda metade do século XX se mostrou, assim, um percurso mais promissor em termos históricos, sociais e desportivos.

Enumeramos ainda os dois principais motivos que nos levaram a escolher o *JB*: a) facilidade de acesso às fontes⁶; b) relevância do periódico – um dos principais jornais brasileiros desde o final do século XIX e o “preferido dos apaixonados pelo esporte” (Melo, 2012, p. 31). Acreditamos que a saída desse jornal do formato impresso deva estimular pesquisas que renovem o seu valor enquanto fonte histórica.



⁶ Todo acervo do *Jornal do Brasil* está disponível online, digitalizado, para acesso público. Fonte: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/jornal-do-brasil>>.



Figura 1: Capas do *JB* nos dias 19 de julho de 1952, 10 de outubro de 1964, 17 de julho de 1976, 17 de setembro de 1988, 15 de setembro de 2000 (datas de abertura de Olimpíadas).

Por último, enfatizamos, tomando emprestado um trecho de artigo de Cabo e Helal (2011, p. 95), que “refletir sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura é fundamental para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos identitários, apesar da objetividade jornalística, que se constitui um dos pilares da profissão”. O jornalismo esportivo, em particular quando fala de esportistas nacionais, se permite torcer patrioticamente, o que não é admitido pelas demais editorias jornalísticas.

3. Alguns comentários sobre os resultados gerais da pesquisa

Nas primeiras edições dos Jogos investigadas, a cobertura jornalística era extremamente objetiva e havia pouco espaço para narrativas pormenorizadas sobre os atletas, mesmo os medalhistas, o que fez com que questionássemos se havia ali realmente uma construção próxima ao *ethos* heroico. Quando o esporte passou a ocupar mais espaço no *Jornal do Brasil*, processo que se desenrolou entre Roma-1960 e México-1968, as narrativas começaram a se aprofundar na rotina dos Jogos e na história de vida dos atletas. Nesse ponto, o questionamento sobre se havia ou não uma construção heroica já não se fazia mais tão pertinente. Não obstante, ressaltamos que a construção do mito do herói nas narrativas sobre os Jogos Olímpicos não opera de modo tão óbvio quanto nos períodos de Copa do Mundo.

Nas linhas a seguir, resumimos a análise sobre cada Olimpíada, o que justifica o fato de termos nos detido apenas no discurso sobre os atletas-heróis, deixando de explorar outras

temáticas secundárias, que apareceram durante a análise e se fizeram relevantes ao longo da minha dissertação.

Nas Olimpíadas de Helsinque-1952, o desempenho dos atletas brasileiros recebeu pouca atenção ao longo da cobertura do *JB*, perdendo-se entre tabelas que expunham os resultados gerais. O relato era objetivo e sucinto, pois grande parte das informações provinha de agências de notícias internacionais, o que permaneceu sendo parte do *modus operandi* do periódico ao longo de outras edições dos Jogos. As colunas especiais relatavam com um pouco mais de profundidade e parcialidade a participação brasileira. Uma recorrência em especial despertou nossa atenção: os atletas brasileiros foram repetidas vezes alcunhados de “nossos patrícios”. Essa construção sinalizava para um sentimento de identificação com os atletas e servia como um reforço dos laços nacionais.

Foi possível identificar uma construção heroica em torno apenas de Adhemar Ferreira da Silva (medalhista de ouro no salto triplo), ainda que bem modesta se comparada ao espaço dedicado atualmente aos ídolos do esporte. No entanto, o mesmo tratamento discursivo não pôde ser confirmado em relação aos outros atletas medalhistas e não-medalhistas, que foram por vezes simplesmente esquecidos (como foi o caso do nadador e medalhista de bronze Tetsuo Okamoto). Quando citados, lhes foram ressaltadas a importância do treinamento, aliado à técnica e habilidade, sem, contudo, alçá-los a um posto heroico. Caso tivéssemos de mencionar um eixo central para leitura das narrativas sobre Helsinque diríamos que foi o reforço do nacionalismo e dos feitos brasileiros diante da elite do esporte mundial.

Nas Olimpíadas de Melbourne-1956, os atletas brasileiros, que participaram timidamente das competições, não figurando no pódio ou sequer em uma boa posição, foram noticiados juntamente com informações gerais de outros esportes e de atletas estrangeiros nas Olimpíadas. Suas descrições eram, assim, encobertas pelo emaranhado de outros dados. Sobre os derrotados pouco se era dito, mantendo o padrão observado em Helsinque. Em relação ao uso da língua vernáculo no jornalismo, percebemos a utilização de uma miríade de adjetivos na descrição dos feitos de um atleta, tais como “magnífico”, “esplendido”, “fenomenal”, dentre outros. Ainda hoje se recorrem aos adjetivos elogiosos no jornalismo esportivo, mas a redação é dotada de um tom mais comedido. Destacamos que as principais chaves de leitura para entendermos a narrativa sobre os Jogos de Melbourne assemelham-se àquelas utilizadas alhures em Helsinque. O sentimento nacional continuava muito forte no discurso jornalístico.

Em Roma-1960, há uma maior atenção, nas páginas de esporte do *JB*, aos atletas nacionais, o que poderia ser resultado tanto da conquista da Copa do Mundo de 1958, após os fracassos em 1950 e 1954, quanto da vitória no Mundial de Basquete em 1959. Apesar disso, o sentimento ufanista ainda estava presente, mas de modo menos explícito e efusivo do que em 1952 e 1956. Aliás, ao contrário de 1956, em que verificamos certa associação de elementos heroicos a Adhemar Ferreira da Silva, não observamos a mesma construção acerca do nadador Manuel dos Santos (medalhista de bronze). Não houve, em resumo, uma atenção às histórias de vida dos medalhistas, a partir das quais seria mais provável a identificação de aspectos heroificantes. O fator treino foi novamente um elemento central dentro das narrativas.

Os Jogos de Tóquio-1964 trouxeram algumas modificações na construção da narrativa jornalística, quando, pela primeira vez, os bastidores da Vila Olímpica e as histórias pessoais de atletas (principalmente a saltadora Aída dos Santos e o cavaleiro Nelson Pessoa Filho) ocuparam um lócus privilegiado enquanto fato noticiável. O nacionalismo, antes ufanista, naquele momento se revelava mais crítico ao desempenho brasileiro e à imagem do país no exterior (visto como um legado do esporte). O esforço e o treinamento se consolidavam enquanto aspectos vistos como primordiais para a preparação dos atletas e para a boa performance nas provas e jogos. Ao mesmo tempo, a sorte começava a figurar enquanto um fator determinante no discurso jornalístico. Pudemos identificar alguns elementos da aventura heroica clássica na biografia de Aída como o esforço, a superação, as provações e o retorno triunfante ao mundo cotidiano.

A função memorialística esteve muito presente na narrativa em diversos momentos das Olimpíadas da Cidade do México-1968, seguindo uma tendência já iniciada nos Jogos de Tóquio. Havia um forte pessimismo inicial pairando o discurso jornalístico em relação à participação brasileira, o que pode ser visto em vários pequenos trechos de matérias, como essa: “Como já se esperava, as Olimpíadas começaram mal para o Brasil...” (*JB*, 15/10, 1º caderno, p. 21). Após o encerramento dos Jogos, não foram vistas críticas tão contundentes em relação aos dirigentes brasileiros como em Tóquio-1964 e Roma-1960.

O profissionalismo no esporte rondava cada vez mais os discursos, ainda que não se falasse nele explicitamente. Há também maior atenção às histórias de vida, tanto de atletas brasileiros quanto (ou até mais) de esportistas estrangeiros. Essa preocupação se comprovou pela presença de narrativas heroificantes sobre os medalhistas nacionais, principalmente aquela sobre o saltador Nelson Prudêncio (medalhista de prata). As características

associadas aos atletas brasileiros medalhistas seguiam se aproximando mais daquelas tidas como inerentes ao herói clássico.

Nos Jogos de Munique-1972, o treinamento se mantinha como um fator chave para entendermos as narrativas sobre os atletas olímpicos. Em inúmeros trechos de matérias ele se fez presente, tendo seu papel positivo para o desempenho atlético sempre posto em evidência. Ao mesmo tempo em que crescia a importância da TV enquanto um novo meio de comunicação dos fatos esportivos (o que podia ser comprovado pela ênfase dada pelo *JB* à programação televisiva), aumentavam também os problemas com o *doping*, que se tornava uma preocupação cada vez maior para o COI (desde 1968) e se consolidava como uma pauta relevante para o jornalismo esportivo.

Em termos de construções heroicas, destacamos aquela alicerçada sobre a história de Nelson Prudêncio. O atleta, que já havia sido destaque nos Jogos do México, conservava os requisitos para se consolidar como herói nacional. Seu talento e esforço legitimavam suas conquistas.

Em Montreal-1976, estar nas Olimpíadas somente pela participação que, pode-se dizer, não era um demérito até as décadas de 1950/1960, já começava a ser visto como um fracasso para o Brasil enquanto nação em desenvolvimento. Essa preocupação podia ser lida nas transcrições de entrevistas de políticos e até de dirigentes esportivos, normalmente tidos como os grandes culpados pelos resultados adversos. Acompanhar esse debate nos conduziu a uma reflexão sobre as continuidades na história do esporte brasileiro e do jornalismo esportivo. Ainda que no século XXI nosso desempenho tenha melhorado, não é exagero comparar as críticas de 1976 às que são feitas atualmente ao COB e aos atletas pela imprensa especializada.

Montreal não foi uma Olimpíada sem heróis nacionais, mas poucos fizeram por merecer esse tipo de narrativa no *JB*. Na primeira metade dos Jogos, apenas o nadador Djan Madruga se sobressaiu. Na metade final, o destaque foi o saltador João “do Pulo”. De todo modo, minha impressão foi de que as histórias de vidas heroicas não despertaram tanta atenção jornalística quanto em 1968 e 1972. As quatro palavras-chave que podem resumir o discurso jornalístico sobre a participação brasileira são, em ordem de importância: treinamento, sorte, superação e esperança.

Na narrativa sobre os Jogos de Moscou-1980, a imaturidade psicológica, que tinha como um de seus subprodutos o nervosismo, foi um aspecto relevante no entendimento do desempenho brasileiro. As dificuldades em lidar com o favoritismo foram igualmente

verificadas. A sorte e o azar continuam sendo elementos invocados para justificar os resultados. A interseção divina foi amiúde requerida pelos atletas para explicar seus desempenhos. O treino também se mantinha como um aspecto chave.

Entre as narrativas heroicas, destacou-se àquela sobre João Carlos (“João do Pulo”). Ele foi o atleta que mais despertou atenção da mídia, seja em seus atos ordinários no cotidiano na Vila Olímpica seja durante seus treinos. Salientamos que, embora o treinamento estivesse presente em quase todas as matérias, o atleta foi exposto como um fora de série, para o qual não seria necessário sequer “força” para saltar. João pode ser lido como um herói universal, ainda que a narrativa sobre ele comportasse trejeitos típicos do herói nacional. No iatismo, por sua vez, o arquétipo do herói clássico foi mais predominante nas descrições de nossos atletas medalhistas, principalmente no que tange à ênfase no trabalho.

Não foram muitas as histórias de vida de atletas estampando as páginas do periódico durante as Olimpíadas de Los Angeles-1984, apesar do elevado número de medalhistas (a maior quantidade até então). Havia certa predileção por descrever os resultados anteriores dos atletas, seus recordes e os prognósticos para suas participações. Os colunistas destacados para realizar a cobertura dessa Olimpíada muitas vezes se preocuparam mais em descrever o clima geral dos Jogos, digamos assim, do que o desempenho individual dos atletas brasileiros. O treinamento continuava sendo um elemento central na construção das narrativas do herói olímpico, dividindo espaço com a sorte e o azar, cada vez mais mencionados.

A máxima de Pierre de Coubertin, segundo a qual mais valia competir do que propriamente vencer, adquiriu diferentes interpretações ao longo das edições investigadas. Se na década de 1950 ela ainda era vista como uma justificativa plausível para os insucessos brasileiros – uma “desculpa” possível para os nossos fracassos –, a partir de 1960 o aforismo coubertiano permanece em uso, mas recebe uma nova significação, repleta de ironia. O nosso “hábito” de competir, ao invés de subir ao pódio, guiava as críticas jornalísticas ao planejamento esportivo brasileiro e a carência de apoio (público e privado).

Em Seul-1988, o treinamento continuava justificando os bons desempenhos e era central principalmente nas matérias que antecediam o início dos Jogos ou a realização de alguma prova específica. A humildade (vide as matérias sobre a ginasta Luísa Parente) e a sorte (vide aquelas sobre a tenista Gisele Miró) foram outros dois elementos muito

observados. Por outro lado, o nervosismo e falta de intercâmbio continuavam sendo problemas salientados na preparação dos atletas brasileiros.

Mais atenção foi dispendida às histórias de vida, no que sublinhamos aquelas sobre Taffarel (futebol) e Robson Caetano (atletismo). Ambos tinham o trabalho como ponto central de suas carreiras, o que os aproximava da tipologia própria ao herói universal, embora demonstrassem traços tipicamente brasileiros como a religiosidade, no caso do goleiro brasileiro, e a irreverência e “malandragem”, no caso do velocista. Essa interferência do elemento nacional fora marcante até mesmo na trajetória do judoca Aurélio Miguel, cuja narrativa era exemplar do heroísmo clássico.

Nos Jogos de Barcelona-1992, os atletas brasileiros não-medalhistas despertaram atenção midiática, o que destoava do que havia sido até então observado. As narrativas enfocaram as histórias de vida de muitos desses esportistas que não tinham sequer esperança de subir ao pódio, mas que possuíam algum episódio de superação em suas biografias. O treino e a humildade continuavam sendo aspectos mencionados nas matérias, bem como as narrativas sobre a família dos atletas e a recepção da torcida brasileira. A sorte e o acaso apareceram com grande frequência, como elementos transformadores dos destinos dos atletas brasileiros. Juntamente com eles, estavam as superstições, as crenças e a religiosidade, citadas inúmeras vezes no *JB* para descrever atletas, técnicos, torcedores e familiares. Em menor escala, mas como um elemento novo, notamos um aumento da confiança geral dos atletas em um bom desempenho, efeito talvez da boa campanha em Seul-1988.

O judoca Rogério Sampaio foi sem dúvida o atleta mais aclamado e mais citado nas narrativas, embora não contasse com nenhum favoritismo prévio, o qual era destinado a Aurélio Miguel (também judoca), Robson Caetano (atletismo) e Rodrigo Pessoa (hipismo). Os principais pontos de sua história de vida (família, cidade natal, iniciação no esporte, provações) foram repetidamente reiterados, no intuito, supomos, de sedimentar a história do atleta-herói no imaginário esportivo nacional.

Nas Olimpíadas de Atlanta-1996, apesar do elevado número de páginas do caderno esportivo e dos suplementos especiais produzidos, as histórias de vida não acompanharam esse incremento quantitativo. Houve maior quantidade de notícias factuais do que propriamente a escritura de histórias de vida heroica. Havia mais confiança em vários esportes tidos como favoritos, o que era incomum nas outras edições dos Jogos. O excesso

de confiança de um atleta, contudo, ainda era repreendido, pois fugia da humildade tão valorizada historicamente no *ethos* atlético nacional.

O trabalho, o treinamento e a sorte continuavam sendo escolhidos para explicar o desempenho vitorioso. No caminho rumo ao triunfo, a humildade também era um valor predominante nas matérias jornalísticas. A fé, a superstição e as menções a Deus apareceram, ainda que com menos intensidade do que em outras Olimpíadas. A comemoração entusiasmada da família, fãs e amigos na volta dos atletas vitoriosos permanece compondo uma etapa imprescindível da trajetória do atleta-herói na cobertura jornalística.

O atleta que conquistava uma medalha, consagrando-se como herói nacional, já não se satisfazia mais apenas com o reconhecimento de seus compatriotas. Um bom desempenho olímpico servia de vitrine para angariar patrocínios, que sustentariam o atleta durante o próximo ciclo olímpico. A lógica do mercado – investimento e retorno – parecia, de fato, estar permeando progressivamente o mundo dos esportes. Essa mercantilização se refletia também na forma de idolatria. Os atletas além de heróis eram cada vez mais ídolos *pop*.

Na edição de Sydney-2000, o aumento dos temas secundários ajudava a compor quase um retrato social dos bastidores das Olimpíadas (algo como uma coluna de fofocas). A preocupação com a memória olímpica, tanto das participações brasileiras como dos Jogos em si, é outro ponto que deve ser enfatizado. O *doping* contou com elevado número de matérias, sinalizando para a consolidação dessa temática no imaginário olímpico contemporâneo.

Talvez devido ao desempenho em Atlanta, guardavam-se grandes expectativas e otimismo em relação à Sydney. O discurso jornalístico transbordava confiança em medalhas, até mesmo nas provas em que não éramos favoritos. Uma súbita tomada de consciência sobre nosso potencial esportivo parecia estar se desenvolvendo. Ao final dos Jogos, entretanto, o otimismo deu lugar ao desalento e a imprensa esportiva passou a tratar os resultados com críticas e ironias.

Nas matérias anteriores ao início dos Jogos, observamos menor ênfase ao treinamento dos atletas em cada esporte, em detrimento de uma maior atenção às curiosidades sobre os atletas (como aquelas sobre o tenista Gustavo Kuerten, o “Guga), o que corrobora as teorias que postulam uma vertente cada vez mais espetacularizada no jornalismo esportivo (cf. COSTA, 2010). Os elementos mais invocados para explicar as

vitórias e fracassos foram paradoxalmente a sorte, a superstição, a humildade e o trabalho duro.

Entre as narrativas heroicas, destaco a de Carlos Honorato pela presença de um grande número de elementos ligados à saga heroica do atleta olímpico brasileiro: infância pobre, influência familiar positiva, início fortuito no esporte, provações, sorte, trabalho árduo e repartição do feito.

Acreditamos que o papel do Brasil enquanto potência esportiva ainda estava distante de ser alcançado ao final do século XX. Não obstante, havia sinais de que um processo de mudança, vagaroso, mas progressivo, estava em curso. Edição após edição crescia o número de brasileiros que chegavam aos Jogos com o *status* de favoritos em suas respectivas modalidades. Esse favoritismo se refletiu, como já dito, em uma permissão para sermos confiantes e em uma renovada atenção às histórias de vida.

Considerações Finais

Alguns padrões nas narrativas jornalísticas realmente se repetiram ao longo das edições, mas algumas peculiaridades também foram observadas. Isso pode estar associado às modificações dos anseios da sociedade brasileira e do que se esperava dos atletas. Nesse sentido, comprova-se a plausibilidade da hipótese de que o herói olímpico acompanhe realmente o desenvolvimento (cultural, social, político) da sociedade, uma vez que nela está inserido. Perceber essas nuances no discurso sobre os atletas-heróis, em diferentes edições dos Jogos ou em uma mesma edição, nos fez refletir sobre a intangibilidade de tentar propor um modelo único e rígido que abarcasse todos eles. Nisso, lembramos de Stuart Hall (2011) em sua predileção por falar em identificações ao invés de identidades nos sujeitos pós-modernos. Se, por um lado, o esforço e o trabalho legitimam as conquistas do herói olímpico, por outro, o talento nato não pode ser simplesmente excluído, uma vez que também aparece nas narrativas jornalísticas, ainda que com menor incidência.

A infância pobre e a repartição dos feitos, pontuadas por Helal (*et al*, 2009) como constantes nas representações dos atletas, puderam ser verificadas também em meu *corpus* de estudo. É possível inferir, então, que se tratam de etapas do trajeto individual dos atletas que são valorizadas pela mídia e que os legitimam enquanto heróis. A ênfase constante ao treinamento indica que o valor dado a esse requisito na formação do atleta em esportes ditos amadores é muito mais forte do que no futebol. A família é um elemento sobremaneira valorizado após as conquistas, o que nos ajuda a entender a importância dessa instituição

social na formação do brasileiro e na iniciação dos atletas ao esporte. As credences e a fé em um ente superior fazem parte do caleidoscópio religioso que marca os atletas. A sorte é outro fator que foi, em diferentes contextos, acionada para explicar uma conquista ou um fracasso. Por fim, temos a humildade permeando quase todas as histórias de vida e sendo valorizada sobremaneira pelo jornalismo na personalidade dos atletas.

O sentimento de coesão nacional produzido pelo discurso jornalístico foi notado de modo mais forte na década de 1950 e diminuiu gradativamente nas décadas seguintes. Em sentido oposto, as cobranças sobre o desempenho brasileiro aumentaram gradualmente a partir da década de 1960. De uma nação que se contentava em participar e se regozijava com qualquer medalha, passamos a almejar melhores posições, auferir nossa evolução quantitativa e exigir performances dignas de nosso tamanho continental. Essa exigência também se refletia nas sensações dúbias que o povo brasileiro despertava nos atletas. Se quando ganhava, o atleta dedicava o título à família e ao povo brasileiro, quando perdia ou se preparava para um encontro decisivo, evocava-se o fato de que a opinião pública só valorizaria as medalhas e as primeiras colocações.

Nessas derradeiras linhas, ressaltamos que a pregnância da figura do herói no imaginário coletivo é uma constante na história da humanidade e, em grande parte pelo papel da mídia, continua presente na atualidade. O mito do herói se constrói e se atualiza através da negociação estabelecida entre sociedade, meios de comunicação e atletas. Os heróis do esporte representam muitos de nossos anseios de sucesso e, nisso, reside uma responsabilidade extra a que todo atleta deve corresponder.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CABO, Alvaro; HELAL, Ronaldo. A marca de uma derrota: jornalismo esportivo e a construção do Maracanazo. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, p. 95-114.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

COSTA, Leda. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **Logos**, v. 17, n. 2, p. 65-77, 2010.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELAL, Ronaldo; Marques, R. G.; Cabo, A. Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. **Revista Contemporânea**, v. 13, p. 33-43, 2009.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de Melo (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 21-51.